

Rogério Cordeiro Fernandes

Parafraseando nosso crítico, com a publicação de *Duas meninas*, Roberto Schwarz marca a distância, a verdade o adiamento, que o separa da crítica literária praticada no país. O estudo desta posição deve levar em conta, ao menos, dois princípios: seu método, cuja realização exige manipular disciplinas diversas, resultando numa mediação sofisticada – na melhor tradição da teoria crítica – e, sua prosa dialética, que prima por concentrar, em um só movimento, exposição teórica e síntese crítica. Esses princípios se dão juntamente, compondo um medium de reflexão denominado forma. Várias correntes de teoria literária, nos últimos 50 ou 60 anos, definiram e instrumentalizaram este conceito no âmbito restrito da técnica e do estilo, mas, para Schwarz, a forma é um mediador que organiza em profundidade a estrutura da ficção e da sociedade; ela capta um movimento histórico e não apenas a reprodução de dados escolhidos. Assim entendida, o que fica é a forte impressão de que a interpretação literária exige a elaboração de um sistema de mediações históricas, onde reconheceríamos uma formação social particular em função da qual determinada obra literária foi imaginada.

Essa formulação, complexa como vemos, é o eixo no qual a produção crítica de Schwarz vem se movendo há cerca de trinta anos e diante da qual alguns comentadores vêm capitulando. Tomemos *As idéias fora do lugar* (1974), ensaio muito comentado e mal compreendido – apesar do mérito de levar, como poucos, o debate literário para o campo da sociologia, e vice-versa. O *imbroglio* se formou em torno da suposta “tese” de que as idéias estrangeiras, as mais modernas de então, estavam, ou não, fora do lugar. Neste caso, apenas para dar um exemplo, o liberalismo, apesar da escravidão, foi eficaz por estabelecer certos compromissos de classe e por rearranjar a política do segundo reinado, promovendo alterações no período. Além do mais, diria um historiador, não existe o liberalismo, apesar da escravidão, foi eficaz por estabelecer certos compromissos de classe e por rearranjar a política do segundo reinado, promovendo alterações no período. Além do mais, diria um historiador, não existe o liberalismo *ad naturam*, pois as ideologias se fazem valer em realidades históricas específicas.

Em resumo, a tese estaria mal posta, uma vez que as idéias estrangeiras possuíam função efetiva na terrinha e, portanto, não estavam fora do lugar, ou ainda, (as idéias) não possuem lugar fixo em parte alguma. Nestes exemplos, a discussão que os comentadores travam com o ensaio corre numa raia descalibrada. Porém, se lida com atenção a sua escrita difícil, o que o texto diz é incisivo: "o antagonismo [entre idéias modernas e estruturas arcaicas] produziu uma coexistência estabilizada - que interessa estudar. Adotadas as idéias e razões européias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente 'objetiva', para o momento de arbítrio que é da natureza do favor." O que vai escrito é a análise de um movimento histórico que recebe, altera e aplica as bases sobre as quais as relações sociais se estabelecem, ou seja, o que o crítico analisa é uma função da ideologia: ocultar as conseqüências objetivas de situações alteradas. Cabe então indagar de onde vem o mal-entendido de sua tese. Creio que se pode afirmar que seus comentadores, entre o título a-dialético e a prosa refinada, decidiram analisar o primeiro - na verdade um primor do pensamento conservador. Ficou dito então, em poucas linhas, da dificuldade de se compreender a prosa e o método (ambos dialéticos) de Schwarz.

Percebe-se esta dificuldade de interpretação, a respeito de seu livro mais recente, onde estão presentes os princípios que dão conta do materialismo do crítico. Schwarz nota e explora as virtualidades formais do diário de uma mocinha do interior de Minas escrito na década de 1890, *Minha vida de menina*, de Helena Morley (em recente edição, Cia. das Letras, 1988), encontrando uma organização rica e complexa num nível raramente presente no melhor realismo. Não se trata de ver neles as marcas de uma composição, o que seria como "avançar o sinal", mas identificar e estudar uma "forma interna", na qual se nota o movimento e a lógica de uma formação social, que é o "desiderato moderno da literatura realista, aqui alcançado por uma obra que não é de ficção" (p. 50). O problema está posto: sem ser artístico, o diário é, no entanto, cheio de implicações formais, e sua organização latente oculta uma complexidade social de ótimo rendimento para a escrita. Identificados, Schwarz trata de apontar os traços adiantados da menina: o elogio ao trabalho, a recusa da dependência, o tino para negócio etc., que mostram o seu espírito livre e moderno.

Essas qualidades, lidas em outra chave, são as mesmas de uma conhecida personagem da literatura brasileira - Capitu. No romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, ela é a mocinha pobre, enamorada do vizinho de família rica,

que, com requintes de cálculo e senso de prognose, articula a superação de entraves sociais em favor de si mesma.

O crítico então identifica dois movimentos distintos no livro: primeiro dominado por Capitu, onde a superstição religiosa da mãe do moço é superada, a dissimetria social é contornada e a tibieza do namorado, suspensa - tudo por obra e graça da menina "metida consigo"; o segundo, dominado por Bento, o qual, cego de ciúme, retoma sua condição de proprietário mandão, na melhor tradição patriarcal, despejando sua ira sobre a esposa e o filho e afastando-os de seu convívio; noutras palavras, "uma [o livro sofreu, ficam evidentes as conseqüências virtuais da prosa quando parte do livro] está sob o signo do espírito esclarecido, outra sob o signo do obscurantismo" (p. 14). A partir daí, e levando-se em conta a apreciação crítica que apreciada a partir da sociedade - quer dizer, o sentido mais amplo de forma adotado pelo crítico: por mais de sessenta anos a crítica e o público se mostraram insensíveis para uma armadilha que Machado cuidou de ocultar: a atitude pouco confiável de uma figura social estimada, representada no narrador. Além de proprietário, Bento era bom pai, bom filho, bom marido, bom amigo; advogado de prestígio, circulava com certo acanhamento nas rodas sociais, onde era bem-vindo; acresce que possuía o coração ingênuo, saudosos dos tempos de menino vividos entre a família e o seminário. Quer dizer, Bento trazia todas as credenciais apreciadas pela sociedade - daquele tempo e do nosso. A astúcia de Machado está em vincular essas credenciais, as melhores possíveis, às idiossincrasias de um casmurro, vínculo oculto por um narrador capcioso. Ou, dito de outro modo, está em desarmar os clichês do romantismo que encobriam os clichês do patriarcalismo.

Por outro lado, Schwarz encontrou, na sedução do público pelo prestígio do narrador, a chave para uma leitura de nossa sociedade. O veneno (se entendido como tal) está em apontar traços desta recepção resistindo à luta de classes que vivemos hoje. Visto a contrapelo, o projeto hegemônico de nossas elites - amparadas por garantias de toda ordem - deixa de ser símbolo de modernização, e passa a instrumento de opressão de classe em sua feição mais real.

O essencial a se reter deste livro é seu método, segundo o qual a noção de forma literária é tida como a reunião abstrata de componentes pertencentes à mesma ordem das protocondições da história; em recurso, ao mesmo tempo intelectual e artístico, para salientar traços comuns dos vários extratos da realidade, sem que ocorra uma mera repetição. Neste movimento metodológico consiste o

“princípio de reversibilidade” que permite compreender *Dom Casmurro e Minha vida...* - em função um do outro -, e a relação de ambos com a realidade histórico-social, a partir da qual foram elaborados. O interesse crítico é direcionado para a relação entre literatura e a sociedade, deixando-se fixar a mediação (a forma). O salto que seu livro representa reside neste princípio de reversibilidade, que estuda a realidade a partir da forma literária e vice-versa.

Schwarz, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Estudos Sociedade e Agricultura, 11, outubro 1998: 207-210.